

Mulheres icoençes: uma perspectiva de gênero na festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE)¹

Leticia Ramalho Nascimento²

Janderson Oliveira³

Maria Érica de Oliveira Lima⁴

José Cláudio Alves de Oliveira⁵

Submetido em: 17/03/2026

Aceito em: 19/04/2026

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a participação das mulheres na Festa do Senhor do Bonfim realizada na cidade de Icó (CE) e a relação com a teoria da Folkcomunicação, de Luiz Beltrão e de José Marques de Melo. A pesquisa parte da compreensão da festa como uma manifestação cultural de natureza imaterial, na qual se entrelaçam práticas religiosas, socioculturais e simbólicas que contribuem para a preservação e difusão da memória coletiva local. Assim, busca-se evidenciar o protagonismo feminino a partir de suas formas de atuação, organização e representação no espaço festivo, destacando saberes, gestos e performances que historicamente sustentam a continuidade da celebração. O estudo fundamenta-se na observação participante, no registro fotoetnográfico e na análise das narrativas presentes na cidade, dialogando com referenciais teóricos sobre gênero, memória e Folkcomunicação.

¹ Este trabalho foi realizado com o apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) e faz parte da pesquisa de mestrado da autora principal.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Pesquisadora do Grupo de Estudos Cibermuseus (GREC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Teoria da Literatura e Produção Textual pela Faculdade Focus. Licenciada em Letras com habilitação em Português/Espanhol (UFC). Graduanda em Cinema e Audiovisual na (UFC). E-mail: leticyya015@gmail.com

³ Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciado em Educação Física pela UFC. Professor da Secretaria de Educação do Ceará. E-mail: jandersonsaldanha@gmail.com.

⁴ Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora do Grupo de Estudos Cibermuseus (GREC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do Grupo de Pesquisa Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) da Universidade do Porto, Portugal. Conselheira da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). E-mail: mercial@uol.com.br

⁵ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. Pós-doutorado em Comunicação e Tecnologias, pela UMinho, Portugal. Professor nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e Museologia (PPGMUSEU) da UFBA, e-mail: claudius@ufba.br.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero; Festa do Senhor do Bonfim; Personagens femininas; Folkcomunicação; Fotoetnografia.

**Women of Icó: A Gender Perspective on the Festival of
Senhor do Bonfim in Icó (CE)**

ABSTRACT

This study aims to analyze the participation of women in the Festival of Senhor do Bonfim held in the city of Icó (CE), and its relationship with the Folkcommunication theory developed by Luiz Beltrão and José Marques de Melo. The research is based on the understanding of the festival as a cultural manifestation of an intangible nature, in which religious, sociocultural, and symbolic practices intertwine, contributing to the preservation and dissemination of the local collective memory. Thus, the study seeks to highlight female protagonism through their forms of participation, organization, and representation within the festive space, emphasizing the knowledge, gestures, and performances that have historically sustained the continuity of the celebration. The research is grounded in participant observation, photoethnographic documentation, and the analysis of narratives present in the city, engaging with theoretical frameworks related to gender, memory, and Folkcommunication.

KEY-WORDS

Genre; Feast of Senhor do Bonfim; Female characters; Folk communication; Photoethnography.

**Mujeres Icoenses: Una perspectiva de género en la fiesta
del Señor del Bonfim de Icó (CE)**

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la participación de las mujeres en la Fiesta del Señor del Bonfim realizada en la ciudad de Icó (CE) y su relación con la teoría de la Folkcomunicación, de Luiz Beltrão y de José Marques de Melo. La investigación parte de la comprensión de la fiesta como una manifestación cultural de naturaleza inmaterial, en la que se entrelazan prácticas religiosas, socioculturales y simbólicas que contribuyen a la preservación y difusión de la memoria colectiva local. Así, se busca evidenciar el protagonismo femenino a partir de sus formas de actuación, organización y representación en el espacio festivo, destacando saberes, gestos y performances que históricamente sostienen la continuidad de la celebración. El estudio se fundamenta en la observación participante, en el registro

fotoetnográfico y en el análisis de las narrativas presentes en la ciudad, dialogando con referentes teóricos sobre género, memoria y Folkcomunicación.

PALABRAS-CLAVE

Género; Festa de Senhor do Bonfim; Personajes femeninos; Folkcomunicación; Fotoetnografía.

Introdução

“Só aqui no Icó nós temos uma festa bonita assim, onde o povo se reúne, louvando o Senhor do Bonfim”. (Hino do Senhor do Bonfim)

Em Icó, cidade localizada na região Centro-Sul do estado do Ceará (LIMA, 1998), a Festa do Senhor do Bonfim se inscreve no corpo e espaço da cidade, atravessa as ruas, as gerações e a memória da população, constituindo-se como uma prática sociocultural de relevância social. Mais do que um evento de devoção, a festa configura-se como um espaço de atualização e reatualização da memória coletiva, no qual os gestos, as promessas, os cantos e o fazer festivo reafirmam o pertencimento e os modos de existir no território icóense.

No interior dessa dinâmica festiva, é importante perceber que as relações de gênero auxiliam na compreensão de como os indivíduos produzem e ocupam determinados espaços sociais. Nesse contexto, a presença feminina surge como um dos elementos estruturantes da celebração, pois são as mulheres que organizam a festa, preparam a comida que alimenta os participantes, transmitem os saberes e cuidam do espaço festivo nas equipes de limpeza e ornamentação. No entanto, as práticas citadas são historicamente associadas aos papéis de cuidado e ao trabalho doméstico, e tendem a ser invisibilizadas pela lógica patriarcal que estrutura a sociedade. Portanto, embora desempenhem papéis centrais na organização da festa, as mulheres frequentemente ocupam lugares secundários nas representações institucionais da celebração, como afirmam Teixeira e Silva (2017, p. 3):

Ao longo da história, segundo Del Priore (2000), o espaço da mulher além do trabalho e seu cotidiano, eram regidos pelas atividades em torno da igreja, na organização dos festejos e das procissões, pois há tempos a mulher exercia um minúsculo papel de figurante na igreja e na sociedade por conta do machismo autoritário do homem de pensamento tradicional, que a tinha como a “dona de casa”, para cuidar dos afazeres domésticos.

Nessa perspectiva, a análise das personagens femininas icoenses permite compreender como o sistema patriarcal opera na distribuição dos papéis sociais no interior de manifestações religiosas como a Festa do Senhor do Bonfim. Ainda assim, é justamente nos trabalhos cotidianos e afetivos que se concentra a força de permanência da festa, evidenciando que o cuidado não é apenas uma prática doméstica ou privada, mas um elemento estruturante da vida coletiva e da transmissão cultural.

Desse modo, a presente pesquisa busca utilizar-se da perspectiva do patrimônio cultural imaterial como forma de compreender a Festa do Senhor do Bonfim não apenas como um fenômeno cultural, mas como um processo vivo e comunicacional atravessado por relações de gênero, memória e poder. Com isso, dialoga-se também com os estudos sobre cultura popular, memória coletiva e Folkcomunicação, reconhecendo que os saberes transmitidos pelas mulheres constituem formas de resistência frente ao sistema patriarcal ainda vigente nas comunidades brasileiras.

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo central analisar a participação das mulheres na Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE), compreendendo como seus papéis, sejam eles de cuidado, organização, devoção ou transmissão de saberes, sustentam a continuidade da tradição e revelam as relações de gênero e as dinâmicas patriarcais presentes na estrutura da cidade e na constituição dessa manifestação cultural de caráter religioso.

Busca-se, além disso, compreender a festividade como uma prática cultural articulada à memória coletiva, à religiosidade popular, às relações sociais locais, às práticas comunicacionais e investigar de que maneira a lógica patriarcal influencia a distribuição de visibilidade, autoridade e reconhecimento no interior da celebração.

Ademais, para compreender a Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE) como um processo comunicacional capaz de articular práticas culturais, narrativas populares e memória coletiva, recorre-se ao conceito de Folkcomunicação, teoria desenvolvida por Luiz Beltrão (1980; 2014) e José Marques de Melo (2008), que permite analisar a festa, suas formas de expressão e circulação presentes na cidade em questão.

Pretende-se também utilizar a fotoetnografia como instrumento de registro e interpretação das práticas femininas, evidenciando gestos, corpos e presenças frequentemente

invisibilizados, e refletindo sobre o protagonismo feminino como elemento central para a permanência, ressignificação e transmissão da tradição cultural em Icó (CE).

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, com abordagem fotoetnográfica. Dessa maneira, o estudo concentra-se na análise fotográfica da participação das mulheres na Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE), considerando as relações de gênero e as dinâmicas socioculturais que estruturam a manifestação.

Desse modo, a produção e a coleta de dados ocorreram por meio de três procedimentos empíricos: a observação participante, as entrevistas semiestruturadas e o registro fotoetnográfico.

A observação participante possibilitou aos pesquisadores o acompanhamento das atividades preparatórias e dos momentos centrais da festividade, o que permitiu identificar as práticas, as funções desempenhadas pelas mulheres e as interações sociais no contexto festivo. Além de compreender como ocorre a divisão das funções e como os homens ainda assumem papéis de destaque dentro do fenômeno cultural.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres envolvidas na organização e execução da festa, selecionadas a partir de critérios de participação ativa, tempo de atuação na celebração, destaque e tradição familiar. As entrevistas buscaram compreender as trajetórias, as percepções sobre os papéis exercidos, além das experiências relacionadas às práticas de cuidado, organização, religiosidade e transmissão de informações.

O registro fotoetnográfico, produzido entre os anos de 2023 e 2026, foi utilizado como recurso complementar de documentação e análise, contribuindo para a identificação de espacialidades, gestualidades e dinâmicas de participação feminina. Assim, as imagens foram analisadas em diálogo com os dados das entrevistas e das observações de campo.

A análise dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, com organização em categorias temáticas previamente definidas, articuladas ao referencial teórico dos estudos de gênero, patrimônio cultural imaterial, memória coletiva e Folkcomunicação.

Fundamentação Teórica

Considerando que este trabalho tem como objetivo compreender o espaço feminino na Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE), torna-se necessário, em um primeiro momento, delimitar e contextualizar o objeto de estudo. Para isso, recorre-se às contribuições de Costa (1998) e Pereira (2024), que abordam aspectos históricos e socioculturais da festividade, bem como às obras de Lima (1998), Lima e Sousa (1996) e Théberge (1973), que são fundamentais para a compreensão da formação histórica e da construção simbólica da cidade de Icó.

Além da contextualização histórica, faz-se indispensável compreender a estrutura e a dinâmica das festas populares no Brasil, a partir das reflexões de Del Priore (2000), que analisa as celebrações religiosas no contexto colonial e suas implicações sociais, contexto que se encaixa com a cidade de Icó, visto que a Festa do Senhor do Bonfim surge a partir da colonização portuguesa na região do sertão cearense.

No que se refere às relações de gênero presentes nas festividades religiosas, o estudo dialoga com Sousa (2020), além de Teixeira e Silva (2017), cujas pesquisas evidenciam a atuação feminina nos espaços organizacionais e simbólicos das festas populares, contribuindo para a análise das hierarquias, das divisões de papéis e das formas de reconhecimento social atribuídas às mulheres.

Por fim, a pesquisa também dialoga com a teoria da Folkcomunicação presente nas obras de Luiz Beltrão (1980; 2014) e José Marques de Melo (2008) no que diz respeito aos processos comunicacionais dentro do fenômeno cultural, pois compreende-se a festa como um espaço de transmissão de informações, seja por meio dos elementos que a compõe ou das narrativas que surgem durante o processo de organização e realização festiva.

A teoria da Folkcomunicação

A Folkcomunicação é um campo teórico desenvolvido pelo pesquisador brasileiro Luiz Beltrão, a partir dos anos de 1960. Com a criação da teoria, o autor objetivava compreender os processos comunicacionais que ocorrem fora dos circuitos midiáticos de comunicação, especialmente entre os grupos chamados populares ou marginalizados.

Para Beltrão (1980), a Folkcomunicação se constitui como o “sistema de comunicação dos excluídos”, sendo este um conjunto de práticas por meio das quais as camadas populares

constroem, preservam e transmitem seus saberes, valores e visões de mundo. “A folkcomunicação pode ser definida como o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24).

A teoria da Folkcomunicação foi atualizada pelo professor e pesquisador José Marques de Melo. Nessa perspectiva, o autor reforça a caracterização dessa teoria ao afirmar que:

Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore. Das conversas de boca de noite, nas pequenas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de informações trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo “bicheiro”, ou ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira (...) - é que a semente da informação germinou no espírito dos analfabetos. (Beltrão, 1965:9). (MELO, 2008, p.19)

Diferentemente da comunicação de massa, que geralmente se utiliza dos canais hegemônicos, a Folkcomunicação se estrutura através da oralidade e da tradição popular, nas festas populares, nas músicas e nas narrativas em que podem se enquadrar as lendas. De acordo com Beltrão (2014), a Folkcomunicação também é importante na compreensão de como essas populações marginalizadas constroem e participam da vida social, mesmo sem acesso às mídias formais.

Figura 1 - Esquema do processo da Folkcomunicação



Fonte: Beltrão (1980, p. 34)

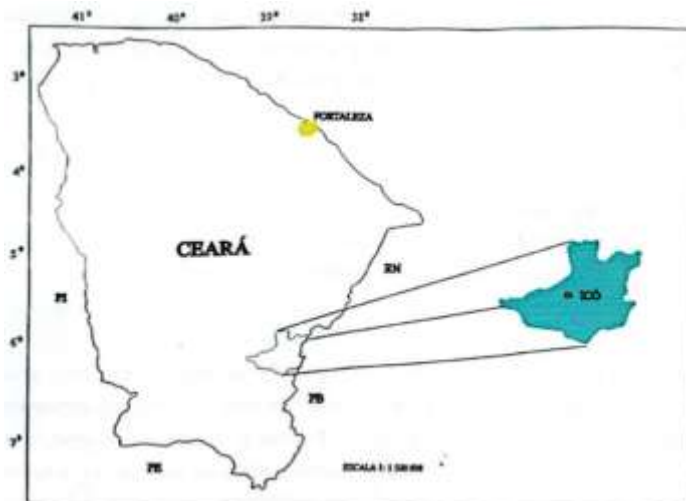
Nesse contexto, a perspectiva da Folkcomunicação contribui para ampliar a compreensão da participação feminina na Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE), pois as mulheres assumem papel fundamental como mediadoras desses fluxos comunicacionais, transmitindo os conhecimentos religiosos, os modos de fazer e os significados da celebração. Ao ensinar os gestos de devoção, preparar os espaços onde ocorrem os rituais e compartilhar as vivências de fé, essas personagens também atuam como agentes de circulação de informações e preservação da tradição, evidenciando que o trabalho de cuidado também se constitui como prática comunicacional no interior deste fenômeno da cultura popular.

História de Icó (CE)

A cidade de Icó, localizada na região Centro-Sul do estado do Ceará, é considerada uma das mais antigas cidades do interior nordestino, pois sua origem remonta ao século XVII. Nesse período passou a ser ocupada por portugueses e sertanejos atraídos por sua posição estratégica (LIMA, 1998), especialmente por situar-se em área limítrofe com os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, condição que favorecia o escoamento de produtos e a circulação de mercadorias.

Devido a sua localização, segundo Théberge (1973), Icó rapidamente se consolidou como um importante entreposto comercial e administrativo do sertão cearense, tendo desempenhado papel de destaque durante o ciclo do gado no Brasil colonial.

Figura 2 – Localização do município de Icó no estado do Ceará



Fonte: Costa (1998, p. 69)

Além disso, a cidade possui, atualmente, dois bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que incluem o prédio da antiga Casa de Câmara e Cadeia, tombado em 1975; e o seu Conjunto Arquitetônico e Urbanístico, com aproximadamente 420 imóveis, sendo tombado desde o ano de 1998, esse reconhecimento institucional contribui para a preservação do patrimônio histórico e cultural do município, assegurando a proteção de edificações que guardam importantes referências da memória e trajetória histórica da cidade (CAVALCANTE, 2021).

A leitura da obra “Princesa dos Sertões”, de Lima e Sousa (1996), revela que Icó é um território onde as narrativas populares são intensamente vividas, criadas e recriadas, tanto pela oralidade quanto pelas manifestações culturais e religiosas, como as festas do Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora da Expectação.

Sendo assim, é nesse cenário festivo que se destaca a participação feminina, visto que as mulheres integram partes estruturantes da festividade como: a confecção dos tapetes, a retirada da imagem do Senhor do Bonfim do altar-mor, a organização das novenas, a ornamentação das casas, a produção de alimentos que serão consumidos durante os dias de novena, além da feitura das bombas do Senhor do Bonfim para a grande queima de fogos após o fim da procissão.

A festa do Senhor do Bonfim como ritual e patrimônio

A Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE), realizada “sempre em 22 de dezembro a 6 de janeiro de cada ano e reúne durante esse período, cerca de 100 mil fiéis” (PEREIRA, 2024, p. 70), configura-se como uma das maiores e mais tradicionais manifestações religiosas do estado do Ceará, integrando práticas de catolicismo popular. Sua estrutura ritual envolve as novenas, a descida da imagem do altar-mor, a construção do tapete de serragem, a procissão e a queima das bombas, além de outros elementos que organizam a tradição.

Figura 3 – Descida e coroação do Senhor do Bonfim (2025)



Fonte: Arquivo de Letícia Ramalho Nascimento

De acordo com Lima (1998) e Pereira (2024), a festividade é considerada a terceira maior festa religiosa do estado do Ceará, além de ser também uma das mais antigas, visto que no ano de 2026 completou 277 anos. Enquanto ritual, ela estabelece uma ruptura temporária com a rotina cotidiana da cidade e reorganiza as dinâmicas sociais em torno do sagrado.

No final da tarde, tem início o principal ritual: a grande procissão, na qual milhares de fiéis percorrem as principais ruas da cidade. As casas são enfeitadas com flores e toalhas brancas, que representam a pureza do sagrado. As janelas são abertas durante a passagem do andor para que o sagrado possa abençoar a casa, seus moradores e seu interior. Trata-se de um ritual de acolhimento do sagrado no espaço doméstico. A procissão surge, assim, como um movimento do sagrado que percorre a cidade, mapeando o espaço urbano e demarcando a paisagem religiosa no ambiente urbano. (COSTA, 1998, p. 45)

Desse modo, o percurso da procissão, a ornamentação das casas e a mobilização dos cidadãos icoenses produzem uma experiência compartilhada que reafirma o pertencimento local, fazendo com que o ritual não se restrinja apenas à liturgia formal, mas se estenda às práticas comunitárias que dão sentido à celebração.

A Festa também evidencia a coexistência entre elementos sagrados e profanos, características marcantes nas manifestações de catolicismo popular. Ao mesmo tempo em que se realiza no interior da igreja e sob orientação institucional, visto que o pároco está atento a todos os acontecimentos, a celebração extrapola o espaço religioso e ocupa as ruas, o Largo do Théberge, as calçadas das Igrejas, além das residências por onde passa, isso ocorre principalmente durante o momento da procissão.

O percurso da procissão com a imagem do Senhor do Bonfim acontece todo dia 1º de janeiro, no período da tarde, perpassando as principais ruas do centro histórico de Icó. Segundo Vieira (2024, p. 17):

No sítio histórico de Icó encontram-se duas ruas largas, conhecidas como rua Larga e Rua Grande, a Rua Dr. Inácio Dias e a Avenida Ilídio Sampaio respectivamente, elas contêm as principais edificações, os casarões, o teatro, sobrados e igrejas em estilo Barroco colonial, entre essas duas ruas também se encontra tombada uma rua estreita, a rua General Piragibe (popularmente conhecida como rua do meio ou rua dos escravos).

Como pode ser percebido a partir da leitura da imagem a seguir, a fotografia apresenta a passagem do carro-andor do Senhor do Bonfim pela Avenida Ilídio Sampaio, historicamente conhecida como Rua Grande. Esse espaço era tradicionalmente ocupado por moradores pertencentes às camadas sociais mais favorecidas o que revela aspectos da organização social e urbana da cidade.

Figura 4 – Procissão do Senhor do Bonfim (2024)



Fonte: Arquivo de Letícia Ramalho Nascimento

Elementos como o parque de diversões, a venda de alimentos e utensílios, o leilão e os encontros sociais coexistem com os momentos de oração, adoração e penitência, demonstrando que a experiência religiosa é vivida de forma integrada à vida social, ou seja, no

momento festivo ela se entrelaça a vida comum. Essa dinâmica revela que o ritual opera como espaço de negociação, no qual fé e sociabilidade se entrelaçam, pois, “segundo Rosendahl, o espaço sagrado e o espaço profano estão sempre vinculados a um espaço social” (COSTA, 1998, p. 32).

Além disso, a permanência da Festa do Senhor do Bonfim ao longo de quase três séculos evidencia sua centralidade na construção da memória coletiva da cidade de Icó (CE). A repetição anual dos ritos, a transmissão intergeracional dos saberes e a preservação de práticas específicas funcionam como mecanismos de continuidade e difusão cultural.

Porém, essa permanência não configura imutabilidade, pois a festa se reinventa ao longo do tempo sofrendo modificações e inserção de novas tradições. “A Reinvenção da tradição acontece o tempo todo em Icó, pois são inseridos novos elementos que passam a fazer parte da tradição” (COSTA, 1998, p. 43). Assim, as transformações observadas na atuação feminina, por exemplo, indicam que a tradição é dinâmica e atravessada por disputas e reconfigurações sociais.

Embora seja espaço de celebração e comunhão, a festa também reproduz hierarquias sociais e relações de poder. Portanto, a distribuição de funções, a ocupação de espaços de maior visibilidade e a definição das autoridades religiosas revelam que o ritual é atravessado por estruturas sociais mais amplas e complexas.

Nesse contexto, se insere a análise das relações de gênero, especialmente no que se refere à distribuição social das funções e à visibilidade das participantes na festividade. A partir disso, percebe-se que compreender a Festa do Senhor do Bonfim como ritual e patrimônio implica reconhecê-la também como espaço de produção e reprodução de desigualdades, bem como de possíveis transformações sociais.

Personagens femininas e o trabalho invisível da tradição

A atuação feminina na sociedade e na Igreja é, atualmente, um tema amplamente discutido. Diante disso, a categoria gênero apresenta-se como uma importante ferramenta analítica para compreender os papéis desempenhados pelas mulheres nos diferentes espaços sociais, como afirma Fiorenza (1992, p. 28):

É muito importante, não só para as mulheres, mas para a Igreja toda e para a autoridade do Evangelho, que a linha clerical que divide os sexos, juntamente com o status das mulheres, de cristãs de “segunda categoria”, seja abolida. A igualdade só pode ser alcançada em e através de uma mudança transformada da forma constantiniana da Igreja.

Ao analisar a Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE) é possível compreender que a presença feminina constitui elemento estruturante da celebração, ainda que historicamente marcada por processos de invisibilização. Conforme discutido anteriormente, as relações de gênero atravessam a organização da festividade, influenciando a distribuição de funções, os espaços de visibilidade e os modos de reconhecimento social.

Historicamente, o espaço feminino nas práticas religiosas esteve associado às atividades de organização, cuidado, manutenção dos festejos e transmissão de saberes. Essa configuração, marcada por estruturas patriarcais, restringiu a visibilidade pública das mulheres, ao mesmo tempo em que lhes atribuiu responsabilidades centrais para a realização das celebrações. Portanto, como afirma a autora Linda Woodhead (2002, p. 6):

Mulheres podem procurar mudar ou reinventar a religião de maneira a encontrar espaços mais adequados do que os fornecidos pela religião tradicional com seus valores “tradicionais” e, geralmente, com liderança masculina. Existem duas possibilidades. Na primeira, elas podem tentar reformar e mudar a religião tradicional. Elas podem, por exemplo, tentar pressionar a religião em direção a relações mais igualitárias/liberais/relacionais.

Tal lógica não se diferencia no contexto da Festa do Senhor do Bonfim, onde as mulheres ocupam múltiplas funções essenciais, embora muitas dessas atuações permaneçam invisibilizadas, se observam movimentos de ampliação de sua participação e de busca por relações mais igualitárias.

Entre essas funções, destacam-se os papéis de organizadoras, devotas, guardiãs da tradição e agentes comunicacionais. Elas atuam na ornamentação da Igreja, na organização dos altares, nas preparações das noites de novena, na descida do Senhor do Bonfim, na confecção do tapete, que é feito no dia primeiro de janeiro, e na produção e montagem do corredor das bombas, além da queima dos fogos.

Se, inicialmente, determinados espaços eram ocupados majoritariamente por homens, observa-se, ao longo do tempo, a inserção gradual feminina em atividades consideradas masculinas, como pode ser percebido na imagem a seguir:

Figura 5 – Confeção dos tapetes do Senhor do Bonfim (2026)



Fonte: Arquivo de Letícia Ramalho Nascimento

A fotografia apresenta o momento de confecção do Tapete do Senhor do Bonfim, tradição idealizada por Geraldo de Odílio e iniciada no ano de 1974, sendo mantida e realizada até os dias atuais como parte das celebrações da festividade. Esse é um dos momentos em que as mulheres adolescentes, jovens e adultas se inserem e participam da chamada feitura dos tapetes, assumindo um papel importante na continuidade dessa tradição.

De acordo com Pereira (2024, p. 86), “o Tapete do Senhor do Bonfim, como é conhecido, é uma tradição religiosa e têm décadas que é confeccionado na principal avenida da cidade, Ilídio Sampaio, onde fica a sede da Prefeitura e Câmara Municipal, além de vários Sobradões e Casarões históricos”.

No âmbito devocional, a presença feminina manifesta-se nas figuras das promesseiras, rezadeiras, ministras da Eucaristia e coroinhas. Essas personagens são responsáveis pelo papel de mediadoras e agentes comunicacionais que atuam entre o sagrado e a comunidade, garantindo a continuidade dos ritos e a preservação dos significados religiosos da festa, visto que também são responsáveis por ensinar as crianças sobre a importância da festividade para o povo icoense.

A transmissão intergeracional dos saberes constitui outro elemento fundamental, pois durante a passagem da imagem do Senhor do Bonfim, na procissão, é comum a presença de

mulheres acompanhadas de seus filhos, sobrinhos ou netos, ensinando os gestos, os percursos e as formas de devoção, elemento que assegura a permanência desta tradição.

Figura 6 – Passagem da Procissão do Senhor do Bonfim (2026)



Fonte: Arquivo de Letícia Ramalho Nascimento

Um dos momentos mais emblemáticos e de tensões de gênero na festividade é o ritual de descida da imagem do Senhor do Bonfim do altar-mor, do Santuário de mesmo nome, que ocorre durante a noite do dia 31 de dezembro. Momento tradicionalmente reservado aos homens, porém esse espaço tem sido progressivamente tensionado pela inserção feminina no grupo dos Guardas do Senhor do Bonfim. A experiência de Samara Ricarte, primeira mulher a participar ativamente da descida da imagem, evidencia esse processo de transformação. Sua atuação não apenas marca uma conquista individual, mas sinaliza um deslocamento nas fronteiras de gênero historicamente estabelecidas no interior do ritual.

RICARTE, Samara. Entrevista [jan.2026]. Entrevistadora: Letícia Ramalho. Icó, 2026. Arquivo.mp3 (1min.) “Já tem nove anos que eu sou Guarda, fez esse ano. Quando eu entrei nos Guardas também entrei por conta de uma promessa pra ir no cordão. Aí eu acho que passei só uns dois anos no Guarda e já fui descer ele. Aí eu desço e subo ele, também sou a primeira mulher a descer ele, dos Guardas, porque geralmente só homem desce. Aí agora já estou participando, esse ano outra pessoa, outra mulher já desceu também, já ficou ali na ponta da cruz. Mas é isso, tentando colocar as mulheres aí, em lugares altos também.”

Na imagem abaixo, observa-se a participação de Samara Ricarte no momento de descida e condução da imagem do Senhor do Bonfim, logo após sua retirada do altar-mor. A fotografia,

registrada no ano de 2024, evidencia sua atuação no auxílio ao carregamento da imagem durante esse momento do ritual. Nota-se, contudo, que a composição do grupo ainda é majoritariamente masculina, o que revela a permanência de determinadas configurações de gênero na ocupação desse espaço específico da festividade.

Figura 7 – Carregamento do Senhor do Bonfim (2024)



Fonte: Arquivo de Letícia Ramalho Nascimento

Ainda assim, persistem diferenças significativas, visto que apenas os homens sobem ao altar-mor para iniciar o momento de retirada da imagem, enquanto as mulheres esperam para auxiliar quando ela já está sendo descida.

Figura 8 – Homens no altar-mor do Santuário do Senhor do Bonfim (2025)



Fonte: Arquivo de Letícia Ramalho Nascimento

Outro exemplo de ampliação da participação feminina encontra-se na coordenação da produção das bombas do Senhor do Bonfim, atualmente conduzida por Maria Bonfim que é filha de Cícero Gomes, antigo fogueteiro da cidade, cuja trajetória de vida revela a dimensão familiar e afetiva da presença da tradição. Ao assumir a continuidade de uma prática vinculado ao universo masculino, Maria reafirma que a tradição também é espaço de reconfiguração e transmissão.

BONFIM, Maria. Entrevista [jan.2026]. Entrevistadora: Letícia Ramalho. Icó, 2026. Arquivo.mp4 (3min.) “Os fogos do Senhor do Bonfim representam uma vida inteira da minha família porque é uma tradição. É muito emocionante falar sobre os fogos do Senhor do Bonfim porque foi a vida inteira do meu bisavô, do meu avô, do meu pai, da família do meu pai. Ele sempre dizia que os fogos do Senhor do Bonfim era tudo pra ele, que quando ele via a imagem do Senhor do Bonfim chegando, ele disse que sentia a mão do Senhor do Bonfim sobre ele.”

Embora a condução e a coordenação desse momento específico do ritual sejam femininas, observa-se a presença predominante de homens em meio ao corredor que se forma com a explosão das bombas, indicando a permanência de determinadas configurações de gênero associadas a práticas consideradas de maior risco ou força física.

Figura 9 – Queima das bombas do Senhor do Bonfim (2026)



Fonte: Arquivo de Letícia Ramalho Nascimento

Além dos momentos de maior visibilidade ritual, as mulheres ocupam papel decisivo nos bastidores da festa. Assim, a venda de alimentos, a organização do parque e a comercialização de ingressos configuram atividades fundamentais para a sustentação econômica do evento. Essas práticas, associadas ao cuidado e à hospitalidade, tendem a ser percebidas como extensões do trabalho doméstico, o que contribui para sua desvalorização. Entretanto, sem essas ações, a festa não se concretizaria.

Dessa forma, é possível perceber que o papel feminino na Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE) pode ser compreendido como invisibilizado, não pelo fato de não existir, mas por ser historicamente silenciado. Ao serem socialmente associadas ao serviço, as contribuições femininas tornam-se parte do funcionamento esperado da festividade, obscurecendo o seu protagonismo.

Figura 10 – Parque de diversões (2026)



Fonte: Arquivo de Letícia Ramalho Nascimento

Contudo, é justamente nesse conjunto de práticas que reside tanto a sustentação, quanto a continuidade da festividade. As personagens femininas, portanto, não ocupam apenas os bastidores da festa, elas constituem o seu alicerce, seja ele material, simbólico ou comunicacional.

Considerações finais

A presente pesquisa buscou analisar a participação das mulheres na Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE), compreendendo como suas práticas estruturam a celebração e evidenciam as relações de gênero que atravessam a manifestação cultural. Ao longo do estudo, foi possível demonstrar que a festa, além de constituir importante expressão do patrimônio cultural imaterial icoense, configura-se como espaço de organização social no qual papéis, funções e hierarquias são historicamente construídos e continuamente negociados.

Assim, a análise do ritual evidenciou que a Festa do Senhor do Bonfim de Icó (CE) articula dimensões religiosas, culturais e comunitárias, funcionando como dispositivo de atualização da memória coletiva. Entretanto, sua permanência não se sustenta apenas na repetição dos ritos, mas na atuação concreta dos sujeitos que a realizam anualmente. Nesse contexto, destacou-se

o papel central das mulheres na organização, na devoção, na transmissão dos saberes e na sustentação da festividade.

A investigação também permitiu identificar que o fenômeno reproduz, em certa medida, hierarquias de gênero presentes na sociedade mais ampla, especialmente na distribuição da visibilidade e no acesso a determinados espaços rituais, visto que as mulheres ocupam um espaço secundário dentro da festividade. Contudo, observam-se movimentos de transformação, como a ampliação da participação feminina em funções tradicionalmente ocupadas por homens, indicando que a festa é igualmente espaço de negociação, atualização, reinvenção e reconfiguração das relações sociais.

Desse modo, compreender a Festa do Senhor do Bonfim como ritual e patrimônio implica reconhecer que sua continuidade depende também do trabalho das mulheres que a constroem cotidianamente. Portanto, ao tornar visível esse protagonismo, este estudo contribui para ampliar o debate sobre as relações entre gênero, memória e patrimônio cultural, reafirmando a importância de considerar as práticas de cuidado e organização como dimensões centrais na análise das manifestações culturais.

Por fim, a pesquisa reforça a necessidade de compreender as mulheres como agentes folkcomunicaçãois no âmbito das festas populares. Além disso, são necessários novos estudos que aprofundem a investigação sobre as relações de gênero em contextos festivos e patrimoniais, ampliando o olhar para outras manifestações culturais brasileiras, a fim de compreender como tradição, reinvenção e transformação coexistem nas experiências coletivas da contemporaneidade.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

CAVALCANTE, Rebeca Pierre (organização e texto). **Conjunto arquitetônico e urbanístico de Icó**: normas para preservação. Ilustração Cláudio José Guimarães Saraiva. Fortaleza: Iphan, 2021.

COSTA, Otávio José Lemos. **Festa do Senhor do Bonfim em Icó-Ceara**: uma abordagem da Geografia da Religião. 1998. 121f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.

LIMA, Idelsuite de Sousa; SOUSA, Maria Eleneuda de. **Princesa dos sertões**. Fortaleza: Tropical, 1996.

LIMA, Miguel Porfírio de. **Icó entre fatos e memórias**. v. 2. Icó: [s.n.], 1998.
MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

PEREIRA, Cláudio. **Icó e suas riquezas**. 1.ed. Várzea Alegre, CE: Siebra Comunicação, 2024.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Só aqui no Icó nós temos uma festa bonita assim”: sacralização do espaço e da memória na festa do Senhor do Bonfim de Icó/CE. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano X, n. 30, p. 259-284, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/36820>. Acesso em: 08 mar. 2026.

SOUSA, Poliana Macedo de. Onde elas estão? As mulheres na organização da Festa do Divino de Natividade (TO). **Revista Sítio Novo**. Palmas, v. 4, n. 3, p. 51-51, jul./set. 2020. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/571>. Acesso em: 10 mar. 2026.

TEIXEIRA, Maria Jânia Miléo; SILVA, Josué da Costa. Relações de Gênero e Festa Religiosa: um estudo sobre a atuação da mulher nos espaços organizacionais do Círio Fluvial Noturno de Santo Antônio em Oriximiná-Pará. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 1, p. 233-250, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/9238>. Acesso em: 10 mar. 2026.

THÉBERGE, Pedro. **Esboço histórico sobre a Província do Ceará**. 2.ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973.

VIEIRA, Francisca Claudiana do Nascimento. As muitas vozes de Icó-CE: ensino de história local e memória. 2024. 126f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato-CE, 2024. Disponível em: <https://share.google/64VBMbQ9hHsucY4g0>. Acesso em: 19 fev. 2026.

WOODHEAD, Linda. Mulheres e Gênero: uma estrutura teórica. **Revista de Estudos da Religião – REVER**. São Paulo, n. 1, Ano 2, p. 1-11, 2002. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2002/index.html. Acesso em: 08 mar. 2026.

Fontes Oraís

Maria Bonfim – Entrevista realizada em 01 de janeiro de 2026, Coordenadora da confecção e montagem das Bombas do Senhor do Bonfim.

Samara Ricarte – Entrevista realizada em 06 de janeiro de 2026, Guarda do Senhor do Bonfim.